



Diário foi filmado entre 1973 e 1983

## Este é o holofote do cinema israelita

Nas quase seis horas do *Diário* não é apenas Perlov e a sua família que ficamos a conhecer, é também a experiência do que foi ser israelita entre 1973 e 1983

**Luis Miguel Oliveira**

● Fora alguns autores muito pontuais - Amos Gitai, por exemplo - em geral conhece-se pouco do cinema israelita, presente ou passado. Hoje, no último dia do DocLisboa, é exibido aquele já foi descrito como "o holofote para onde todo o cinema israelita está voltado". Falamos do *Diário* (*Yoman*) de David Perlov, obra gigante mas sempre aquém de qualquer ideia megalómana (antes pelo contrário), filmada entre 1973 e 1983, e só então apresentada, depois de o realizador a ter montado e lhe ter construído uma forma, por solicitação do Channel 4 britânico.

Mesmo o nome de David Perlov se mantém, para a generalidade dos espectadores, relativamente obscuro. Quem era ele? Nasceu brasileiro, no Rio de Janeiro em 1930, filho de emigrantes judeus originários da Palestina.

Muito jovem, em princípios dos anos 50, seguiu para Paris com a intenção de estudar Pintura. Mas, nessa cidade acabou por se tornar em mais um dos filhos da cinemateca-mãe de Henri Langlois, convertido, consta, por acção do *Zero em Comportamento* de Jean Vigo. Assistiu (foi contemporâneo de todos eles, igualmente "filhos da cinemateca") ao princípio da tomada do poder pela Nouvelle Vague, trabalhou com Langlois na cinemateca, chegou a rodar uma curta-metragem. Mas em 1958, dez anos depois da fundação do Estado de Israel, emigrou para um *kibbutz*, fixando residência, pouco depois, em Telavive.

Foi nessa cidade que encetou uma carreira de realizador, cheia de frustrações (sentia-se pouco vocacionado para responder às necessidades propagandísticas a que, para o regime, o cinema devia sobretudo obedecer), nada

mitigadas, e aparentemente agravadas por um prémio ganho em Veneza em 63 (definitivamente visto como "artista", as autoridades cinematográficas israelitas passaram a ter mais uma razão para desconfiar dele). O *Diário*, e isto já é directa ou indirectamente contado pelo filme, nasceu de toda essa frustração acumulada. Começou a ser filmado porque Perlov não sabia o que havia de filmar - e sobretudo não sabia como conquistar, dentro do espaço muito "marcado" do cinema israelita, um território de liberdade.

### Um diário pessoal

Em 1973 comprou uma câmara de 16mm e começou a filmar o quotidiano. O seu, o da sua família, o do seu país. Por coincidência, e é por aí que o *Diário* começa, a guerra do Yom Kippur é praticamente contemporânea do início do projecto de Perlov. Na forma final adquirida pelo filme, esse dado transforma uma coincidência num



*Diário* começou a ser filmado porque Perlov não sabia o que havia de filmar nem como conquistar um território de liberdade

pormenor decisivo e "estruturante": o *Diário* seria pessoal, mas não privado, não (apenas) íntimo, antes uma espécie de crónica a cruzar o individual e o colectivo. Ao longo das quase seis horas do *Diário* não é apenas Perlov nem a sua família que ficamos a conhecer de um modo singularmente próximo: é também um pouco da experiência do que foi ser um cidadão israelita entre 1973 e 1983.

Esta abertura da obra é decisiva para o seu poder. Claro que se podem encontrar muitas matrizes para o projecto de Perlov. Do "sopro" da Nouvelle Vague, e sobretudo do seu parente próximo, o *cinéma-verité* à Jean Rouch, passando (talvez mais filosoficamente do que na prática) por um pouco de inspiração rosselliniana. Mas não esqueçamos que tudo começou quando Perlov (que morreu em 2003) saiu do Brasil para ir estudar Pintura para Paris; e é por isso talvez não se encontre melhor caracterização do *Diário* do que a feita pelo próprio Perlov. Citamos: "Algumas pessoas compararam o meu *Diário* com o *Homem da Câmara de Filmar* de Dziga Vertov. Não. Talvez o seu ponto de partida esteja nalgumas daquelas cartas em que os impressionistas franceses relatavam o seu dia de trabalho."

E aliás, em mais do que um momento do *Diário* - como apanhar determinada luz, como conseguir determinado enquadramento -, a preocupação de Perlov não está muito longe do que preocuparia um "impressionista francês" durante o seu "dia de trabalho".

### Diário

De David Perlov  
Cinema São Jorge. Hoje, às 15h15 (1ª parte), 18h30 (2ª parte) e 21h15 (3ª parte)  
Bilhetes a 2,50 euros.